

Como (e quando) falar da deficiência?

Um guia para
profissionais de
comunicação
cultural e
jornalistas



Texto

Dora Alexandre e Maria Vlachou

Revisão e comentários

Diana Niepce, Diana Santos,
Joana Reais, Mía Meneses,
Mickaella Dantas, Patrícia Carmo

Design

Rui Belo

Edição

Acesso Cultura, Associação Cultural
2023

geral@acessocultura.org

www.acessocultura.org

Comparticipação

POLO CULTURAL
GAIVOTAS BOAVISTA 



Esta licença permite que faça o *download* deste trabalho e o compartilhe desde que sejam atribuídos os devidos créditos, mas sem que possa alterá-lo de nenhuma forma ou utilizá-lo para fins comerciais.

Como (e quando) falar da deficiência?

Um guia para
profissionais de
comunicação
cultural e
jornalistas

Prefácio

A Acesso Cultura é uma associação de profissionais da cultura e de organizações culturais que promove o acesso – físico, social e intelectual – à participação cultural. Interessamo-nos por todas as formas de participação: em espaços culturais formais e não formais, como público, mas também como artistas – amadores e profissionais – e profissionais da cultura, em geral. Queremos contribuir para a construção de uma sociedade curiosa e inclusiva, na qual qualquer pessoa possa sonhar, ter oportunidades para participar e ser o melhor que puder.

No âmbito da nossa missão, as questões relacionadas com a deficiência têm ocupado um lugar de destaque. Sendo uma associação de pessoas com e sem deficiência, colaborando com consultores e formadores com e sem deficiência, temos procurado sensibilizar o sector cultural para estas questões, temos investido muito na capacitação profissional e temos procurado apoiar o trabalho de colegas no terreno.

Estamos muito conscientes de que, em diversos momentos – **precisamente por falta de conhecimento e de contacto com certas realidades** – o sector cultural tem ajudado a perpetuar estereótipos em relação às pessoas com deficiência e Surdas, revelando mentalidades e atitudes **capacitistas**. O mesmo acontece com um outro sector ligado à comunicação, o da comunicação social. Em vários momentos – quando chegam ao público notícias com títulos sensacionalistas, referências capacitistas e termos incorrectos – temos procurado entrar em contacto com as pessoas responsáveis pela autoria.



O **capacitismo** é a palavra que define a discriminação, opressão e abuso contra pessoas com deficiência, considerando-as inferiores às pessoas sem deficiência. Ou seja, é a discriminação em razão da capacidade (física, intelectual, psicológica). O capacitismo tem por base um conjunto de crenças, processos e práticas sociais, que produzem um tipo de padrão corporal (físico e intelectual) sem incapacidade, visto como superior, perfeito/ideal e essencialmente humano. Pessoas que não se encaixam nesse padrão são, de certa forma, desumanizadas e excluídas. Esta perspectiva é altamente opressora, porque foca o problema nas pessoas, culpando a própria incapacidade pelos problemas que as pessoas vivenciam, ao invés de focar o problema na opressão e nas barreiras sociais.

Existem, no entanto, duas questões a considerar aqui:

- Estes contactos não passam de acções pontuais, que não mudam o sistema e que muitas vezes ficam sem resposta;
- Estas notícias e estas abordagens são o produto tanto de jornalistas e redacções, como também das equipas de comunicação das próprias organizações culturais.

Em Junho, vários profissionais da cultura (das áreas da direcção artística, programação, comunicação) e jornalistas receberam um email da bailarina e coreógrafa Diana Niepce. Nesse email, a Diana (que é também associada da Acesso Cultura) partilhava o seu desagrado pela “grande falta de sensibilidade nas formas como comunicam sobre o meu trabalho, dessa forma fragilizando-o” e reafirmava que “A obra e autor com deficiência não deve, de forma alguma ser exposta de forma capacitista, criando um contexto de superação, paternalismo, condescendência.”

Foi este o impulso que precisávamos para contactar a Dora Alexandre (autora de “A deficiência na comunicação social: guia de boas práticas para jornalistas”, 2012), assim como diversas artistas e activistas com deficiência e Surdas, a fim de as convidar a criar um guia dirigido a profissionais de comunicação cultural e jornalistas.

Porquê este guia?

- Porque estamos muito conscientes do desconforto e incómodo constante vivido e sentido por colegas, profissionais da cultura, que não se reveem e chegam a sentir-se ofendidos pela forma como o seu trabalho e histórias de vida são apresentados à sociedade e ao público;
- Porque cada pessoa – e, especialmente, neste caso, os profissionais de comunicação – tem a responsabilidade de contribuir para a criação de uma sociedade onde todas as pessoas possam ter o direito de sonhar e de ser o melhor que puderem, sem “rótulos”;
- Porque, em Portugal, existe legislação específica e foram assinadas convenções muito relevantes para esta matéria. No entanto, como todos sabemos, as atitudes das pessoas não se alteram por decreto;
- Porque é urgente quebrar o paradigma capacitista vigente na sociedade portuguesa.

O foco desta publicação é a área da cultura, que é a nossa área de trabalho. Sabemos, porém, que o que está aqui elaborado reflecte-se, igualmente, noutras áreas, e esperamos que possa vir a ser útil também para outros profissionais.

Rita Pires dos Santos
Presidente da Direcção

*“A ministra é
mesmo autista”*

*“Já abriu em
Portugal o café
onde trabalham
pessoas com
problemas
cognitivos”*

*“A geringonça
está sentada
numa cadeira
de rodas”*

*“Uma bailarina
com uma perna
só”*

“Um corpo exótico”

“A equipa do Joyeux tem, atualmente, nove pessoas que lutam com estas dificuldades.”

“...onde são empregadas pessoas com dificuldades intelectuais e do desenvolvimento (DID), como trissomia 21 ou perturbações do espectro do autismo.”

Índice

1. Enquadramento: a responsabilidade de cada pessoa na construção de uma sociedade inclusiva **12**

Do modelo médico ao modelo social da deficiência 13

O poder das palavras: linguagem e mentalidade 16

O papel dos profissionais de comunicação 18

O papel das pessoas com deficiência e Surdas 20

Seis mitos em torno da deficiência e três esclarecimentos 21

2. Estratégias para profissionais de comunicação cultural e jornalistas **28**

Preparação e recolha da informação 30

Como escrever ou falar das pessoas com deficiência e Surdas 35

Terminologia: escolher bem as palavras 38

Resumindo 40

Anexos **41**

Legislação 42

Artigos e entrevistas 43

Vídeos 43

Guias para jornalistas 44

1

**Enquadramento:
a responsabilidade
de cada pessoa
na construção
de uma sociedade
inclusiva**

Do modelo médico ao modelo social da deficiência



Durante muito tempo, a nossa mentalidade em relação à deficiência foi moldada pelo chamado **“modelo médico da deficiência”**. Esta é uma forma de olhar para a pessoa com deficiência com base no seu diagnóstico médico. Mostra-nos que o problema central para a sociedade é a pessoa com deficiência, cuja condição a incapacita e reduz a sua qualidade de vida. O objectivo é curar ou atenuar os efeitos desta condição, através de intervenções médicas e de diversos serviços “especiais” - dirigidos a pessoas “especiais”.

Na década de 1960 - já lá vão mais de 60 anos -, várias pessoas com deficiência no Reino Unido juntaram-se ao *Social Disability Movement* e propuseram uma outra forma de olhar para a pessoa com deficiência, chamada **“modelo social da deficiência”**. Este modelo mostra-nos que o problema central é a própria sociedade, uma sociedade que exclui, por não apresentar soluções equitativas ou diversas. Uma sociedade que não leva em consideração a diversidade humana, mas sim uma “norma” referente a uma “maioria”. Constrói, assim, um mundo excludente: coloca barreiras no espaço público e privado, na vida pessoal e profissional das pessoas, na vida comum, em sociedade. A deficiência existe, mas as pessoas são incapacitadas pela falta de acessibilidade e oportunidades equitativas.

O posicionamento político proposto pelo modelo social da deficiência coloca a questão em termos muito diferentes e no âmbito mais alargado dos direitos humanos. Destacamos três artigos específicos da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

- **Art. 1º:** Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.
- **Art. 6º:** Todo os seres humanos têm o direito de ser, em todos os lugares, reconhecidos como pessoa perante a lei.
- **Art.27º:** Todos os seres humanos têm o direito de participar livremente na vida cultural da comunidade, de beneficiar das artes e de participar no processo científico e nos seus benefícios.

O facto de todas as pessoas terem o direito de ser e de participar cria, então, a responsabilidade de todos criarmos condições de acesso universais. Não só como indivíduos, como também como profissionais de diferentes áreas, devemos contribuir para que todos possam ser o que quiserem e estar onde quiserem; de forma livre, com respeito e dignidade.

O poder das palavras: mentalidade e linguagem

As palavras têm um poder enorme. Primeiro, porque criam imagens na nossa cabeça, influenciam a forma como percebemos o mundo. Depois, porque podem fazer alguém sentir-se bem ou mal, provocando sentimentos de conforto ou desconforto, serenidade ou irritação, entusiasmo ou ultraje, etc. A nossa mentalidade reflecte-se na linguagem que usamos. Por sua vez, a linguagem que usamos reflecte a nossa mentalidade.

O modelo médico da deficiência continua a influenciar profundamente a mentalidade e a linguagem da sociedade. Esta flutua entre dois extremos: por um lado, a pena (pessoas “coitadas”) e, por outro, a admiração (pessoas que “se superam”), sem nada pelo meio. De uma forma geral, olha-se para as pessoas com deficiência e Surdas como pessoas com “problemas”, com “limitações”, sem capacidades, “portadoras” de deficiência. A deficiência é um peso que se carrega e a sociedade espera muito pouco dessas pessoas.

Por esta razão, quando algumas pessoas com deficiência se tornam mais visíveis, presentes no espaço público, vivendo a sua vida e fazendo o que desejam, a sociedade expressa a sua surpresa e admiração com palavras como “superação”, “apesar de”, “inspiração”. As pessoas com deficiência tornam-se “heroínas”.

Vivemos entre estes dois extremos, o da pena e o da admiração, perpetuando mentalidades e atitudes capacitistas.

“Não sou a vossa inspiração, muito obrigada”, dizia a falecida activista australiana Stella Young. **“Não quero ser heroína, posso ter acesso?”**, perguntava recentemente a activista grega Georgia Kaltsi.

As pessoas com deficiência e Surdas, antes de qualquer coisa, são pessoas: podem ser artistas e gestoras culturais, como podem ser professoras, cabeleireiras, cientistas, telefonistas. Não vivem a sua vida “apesar” dos seus corpos, condições ou incapacidades e têm o direito de ter oportunidades na vida, de ser respeitadas e tratadas com dignidade. O modelo social da deficiência afirma que qualquer condicionamento, problema ou limitação não é o resultado natural da condição física ou mental de uma pessoa, mas sim da actuação da sociedade, de todas as pessoas, que constroem o mundo sem consideração pela diversidade humana, criando barreiras para quem foge à “norma”, ao “padrão” estabelecido. Se as pessoas com deficiência e Surdas ficam confinadas, isoladas e têm de lutar em condições adversas para ter um lugar na sociedade, isto é da responsabilidade da própria sociedade, que continua a excluir, incapaz de imaginar um mundo maior, capaz de abraçar a diversidade.

O papel dos profissionais de comunicação

É neste contexto que os profissionais de comunicação são convidados a actuar. Referimo-nos a jornalistas, assessores de imprensa, directores de comunicação numa entidade cultural. Falamos, igualmente, de pessoas que exercem diversas outras funções, que também comunicam – por exemplo, a mediação, a direcção artística ou a programação. Todas estas pessoas trabalham com a palavra, constroem narrativas, ambicionam influenciar o pensamento e o comportamento humano, desejam contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

Dito isto, a questão que se coloca é a seguinte: De que forma se contam histórias que dizem respeito a pessoas com deficiência e Surdas? De que forma são apresentadas à sociedade? Que mentalidades e comportamentos ajudam a moldar?

As pessoas com deficiência e Surdas, como qualquer pessoa, desejam ser tratadas com respeito, conhecimento e sensibilidade. Desejam rever-se na forma como são retratadas. Os profissionais de comunicação (ou, melhor, os profissionais que comunicam), devem-lhes este respeito, devem-lhes esta escuta e aprendizagem antes de falarem das suas vidas, pessoais e profissionais; onde a menção à deficiência pode fazer sentido (ou não) e o tratamento deve ser feito com rigor, sem exageros, dramatismos, paternalismos, comiserações ou sensacionalismos.

É preciso admitir que nem sempre os profissionais de comunicação têm o *know how* e o *à-vontade* necessários para lidar com estas questões. É precisamente por esta razão que surge este guia. Considerando a essência do trabalho de comunicação, que é comunicar, é necessário ter uma maior consciência e mais e melhores conhecimentos para não continuar a contribuir para a perpetuação, e mesmo o reforço, de estereótipos. Os profissionais desta área devem contribuir para uma sociedade mais informada, mais consciente das suas responsabilidades, mais inclusiva e equitativa.

O papel das pessoas com deficiência e Surdas

Pode parecer que estamos a falar de “nós” e “eles”. Não queremos criar este equívoco. A construção de uma sociedade inclusiva e equitativa, mais informada e sensível, é feita por pessoas com e sem deficiência. As pessoas com deficiência e Surdas podem contar as suas histórias, directamente ou através de intermediários; podem ser, também elas, profissionais de comunicação. E, como qualquer outra pessoa, têm formas distintas, muito pessoais, de se identificar, de olhar para si próprias e de projectar a sua imagem.

Há quem assuma o papel de vítima, de pessoa vulnerável focada em apoios e benefícios. Há quem queira denunciar as barreiras e injustiças, refute o lugar de vítima e exija o direito de viver a sua vida em pleno, ser e fazer o que bem entender. Há formas diferentes de encarar a deficiência e elas também influenciam a forma como as outras pessoas olham para as pessoas com deficiência. A responsabilidade na construção de uma imagem é também das pessoas com deficiência e Surdas.

Qual a sua escolha? Que mundo querem construir? Um mundo baseado em diagnósticos médicos ou um mundo que respeita a diversidade humana e os direitos humanos de todas as pessoas? São coitadas, heroínas ou, simplesmente, pessoas?

Seis mitos em torno da deficiência e três esclarecimentos

Mito nº 1:

As pessoas com deficiência e Surdas não são activas na sociedade

Cada caso é um caso, mas a inactividade não é, de forma alguma, a regra. Exceptuando casos muito graves de incapacitação e/ou de isolamento social, as pessoas com deficiência e Surdas podem dar – e dão – o seu contributo à sociedade. Mais ainda quando actuam em meios construídos para ser acessíveis e inclusivos, que tomam em consideração as suas necessidades específicas.

Mito nº 2:

As pessoas com deficiência e Surdas precisam sempre de assistência

Nem sempre. Quanto mais acessível e inclusivo for o ambiente, mais autónomas se tornam as pessoas, mais livres para viverem sozinhas ou em companhia, conforme o desejarem. Neste contexto, a profissão do assistente pessoal veio também contribuir para esta autonomia e liberdade, sempre que necessário. Tal como a cadeira-de-rodas, as canadianas ou as próteses são elementos que potenciam autonomia e liberdade a quem deles precisa.

Mito nº 3:

Acessibilidade significa ausência de barreiras arquitectónicas

Também, mas não só. A acessibilidade é um conceito muito mais amplo, que se ajusta às necessidades específicas de cada pessoa. Pode ser física, sensorial, intelectual, social, comunicacional.

Mito nº 4:

A acessibilidade é importante apenas para pessoas com deficiência

Não é. A acessibilidade diz respeito a todas as pessoas, sem excepção. É importante para as pessoas com deficiência, para as pessoas que as rodeiam e acompanham, para quem empurra um carrinho de bebé, um trolley de viagem ou realiza actividades de cargas e descargas, sem esquecer qualquer pessoa que tenha - ou venha a ter no futuro - uma incapacidade, mesmo que temporária, seja a nível físico, sensorial ou intelectual. No âmbito geral, numa altura ou noutra da vida, a acessibilidade é vital a toda a população. Hoje em dia, sabe-se também que quando existem condições e serviços de acessibilidade, estes são usados por tantas outras pessoas, porque facilitam muitas tarefas e experiências.

Mito nº 5:

As pessoas com deficiência e Surdas têm poucos recursos financeiros

Esta é uma ideia muito veiculada pelos casos dramáticos apresentados na comunicação social. Muitas pessoas com deficiência e Surdas têm vidas profissionais activas e, conseqüentemente, recursos financeiros. No entanto, é verdade que, praticamente em todos os países, as pessoas com deficiência e Surdas têm mais probabilidades de estarem desempregadas ou de ter baixos rendimentos. Algo directamente associado à falta de condições de acesso à educação, à profissionalização e, mais tarde, aos próprios locais de trabalho. Este é mais um resultado de uma sociedade que exclui. Importa ainda referir que nenhuma pessoa é totalmente autónoma. Todos somos interdependentes, na medida em que funcionamos quotidianamente usufruindo e disponibilizando recursos. A interdependência possibilita um relacionamento mais profundo e significativo entre as pessoas.

Mito nº 6:

Tratar o tema da deficiência é deprimente

Se nos centrarmos apenas em casos extremos e considerarmos que os infortúnios das pessoas são o resultado da sua condição (e não responsabilidade de toda a sociedade), pode ser penoso, sim. Porém, a deficiência não se resume a casos dramáticos. A maioria das pessoas com deficiência e Surdas não vive amargurada, a lamentar-se. Embora lidem com desafios acrescidos no seu dia-a-dia, lutando contra uma sociedade que as exclui, as pessoas com deficiência procuram viver a sua vida da melhor forma possível, como qualquer outra pessoa.

E ainda, três esclarecimentos:

Nº 1:

As pessoas Surdas são pessoas com deficiência auditiva

Ao longo deste guia, usamos a expressão “pessoas com deficiência e Surdas”. A escrita da palavra “Surdo/a” com S maiúscula é uma convenção adotada por pessoas Surdas em vários países. Serve para identificar pessoas cuja língua materna é a língua gestual do seu país e que consideram que fazem parte de uma minoria linguística, tendo uma cultura própria. As pessoas Surdas não consideram que têm uma deficiência. As pessoas que se identificam como tendo uma deficiência auditiva são pessoas surdas que não falam língua gestual, que usam aparelhos auditivos ou que têm implantes cocleares. Podem ainda ser pessoas que perderam ou estão a perder a audição devido à sua idade, questões genéticas ou acidentes.

Nº 2:

As pessoas com paralisia cerebral têm deficiência intelectual

Raramente, mas a designação - paralisia cerebral - pode levar a esse engano. Na realidade, a zona do cérebro que coordena certas partes do corpo (os movimentos, a fala) está afectada e, por isso, as pessoas com paralisia cerebral podem ter dificuldade em articular movimentos e palavras. No entanto, trata-se de uma deficiência física e não intelectual.

Nº 3:

Todas as deficiências são visíveis

Existem muitas pessoas cuja deficiência não é visível. É o caso das pessoas autistas, com baixa visão, com dores crônicas, entre outras. São situações que, em muitos casos, condicionam significativamente o dia-a-dia de uma pessoa. Como sociedade, mais uma vez, sabemos muito pouco sobre as deficiências invisíveis e não temos preparação adequada para criar espaços e relações onde estas questões podem ser faladas e cuidadas. Muitas pessoas com uma deficiência invisível optam por não a divulgar, para evitar o estigma e a discriminação, o que pode conduzir ao isolamento social, fazendo-as sentir-se sem apoio e incompreendidas.

“...o projeto conta com surdos, cegos, pessoas com paralisia cerebral, déficit cognitivo e com Síndrome de Down, bem como pessoas sem limitações.”

“Bailarina tetraplégica apresenta livro.”

“Arrancam as filmagens da primeira série portuguesa protagonizada por uma actriz com trissomia 21”

*“Uma prova de
superação em
concerto”*

*“[nome da pessoa]
tem 46 anos e
vive há sete numa
cadeira de rodas.”*

*“As limitações
destes bailarinos
não os têm
impedido de
chegar a países
como a Alemanha
ou França, em
festivais de dança
tão importantes
como o de outono,
em Paris. Nem tão
pouco os travam
de trabalharem
diretamente
com coreógrafos
reconhecidos
portugueses...”*

2



Estratégias para profissionais de comunicação cultural e jornalistas

No contexto concreto da área da Cultura, deparamo-nos com duas necessidades específicas:

- Falar da deficiência de forma conhecedora, sem dramas, paternalismos, exageros e comiserações, respeitando a forma como cada pessoa pretende ser retratada.
- Saber distinguir as situações em que é relevante referir a deficiência, ou não, e como fazê-lo. Por exemplo, há artistas com deficiência que preferem que o foco esteja no seu trabalho e não na sua deficiência; há casos, no entanto, em que poderá fazer sentido referir a deficiência.

Este é um esforço comum de profissionais de comunicação cultural e jornalistas, mas também das próprias pessoas com deficiência e Surdas.

Preparação e recolha de informação

No contexto da Cultura, a informação é necessária para a preparação de materiais de divulgação (websites, redes sociais, comunicados de imprensa) ou para uma entrevista.

Antes do primeiro contacto

- Procurar conhecer minimamente e antecipadamente as necessidades específicas da pessoa com quem vamos falar e como ela se identifica pessoalmente.
- Escolher uma forma de comunicação que melhor se adequa a essas necessidades: se vai contactar uma pessoa Surda, terá de ser por sms, whatsapp ou email; se for uma pessoa com deficiência visual, poderá ser por telefone, sms, whatsapp ou email.
- Se vai falar com uma pessoa Surda, será necessário ter interpretação em Língua Gestual Portuguesa. A responsabilidade de ter intérprete e os custos associados não são da pessoa, são seus/da sua entidade. A pessoa que vai entrevistar poderá recomendar alguém, mas existem também várias associações, e também a Acesso Cultura, que podem indicar contactos.
- Se vai falar com uma pessoa que usa aparelho auditivo ou que tem implante coclear, escolha um lugar mais sossegado, sem muitas distrações sonoras e visuais.

- Se o encontro ou a entrevista for com alguém com mobilidade condicionada, escolher um local acessível e, de preferência, com casa de banho adaptada.

Durante a conversa

- Quando se encontrar com a pessoa, cumprimente-a da mesma forma que costuma fazer com outras pessoas. Se normalmente dá um aperto de mão, ofereça o mesmo cumprimento, mesmo se a pessoa tem um uso limitado das mãos ou usa próteses. A pessoa vai mostrar-lhe que cumprimento é mais apropriado.
- Pergunte sempre à pessoa se precisa de ajuda, não se apresse a dá-la. Uma boa regra é respeitar a autonomia da pessoa. Caso a sua ajuda seja necessária, a própria pessoa lhe dará essa indicação.
- Se estiver a falar com uma pessoa de baixa estatura (por exemplo, pessoas com nanismo) ou em cadeira de rodas, sente-se para ficar ao nível dela. Caso contrário, vai provocar-lhe o desconforto de estar constantemente a olhar para cima.
- Se estiver com uma pessoa Surda, não vale a pena falar alto. Deve também olhar para a pessoa e não para o intérprete. Algumas pessoas S/surdas (falantes e não falantes de língua gestual) aprenderam a oralizar (ou seja, a falar). Poderá não ser sempre completamente perceptível. Se não perceber, peça para repetir.

- Se falar com uma pessoa adulta com deficiência intelectual, não a trate como se fosse criança. Tenha atenção ao seu tom de voz, às palavras utilizadas e não a trate por “tu” se não costuma fazê-lo com outras pessoas adultas que não conhece.
- Se uma pessoa precisar de mais tempo para se expressar (por exemplo, uma pessoa gaga ou com paralisia cerebral), deixe-a acabar a sua frase, não tente completar, conte com mais tempo do que o habitual.
- As pessoas com paralisia cerebral muitas vezes têm dificuldade em articular a fala. Mantenha a sua atenção e, se não perceber, peça para repetir. A própria pessoa sabe se fala de forma clara ou não e estará acompanhada por alguém que pode ajudar com a comunicação, se for necessário. Lembre-se sempre de que, regra geral, a deficiência das pessoas com paralisia cerebral é motora e não intelectual.
- Se vai falar com uma pessoa com deficiência visual (cega ou com baixa visão), identifique-se e faça a sua auto-descrição (aspecto físico - por exemplo, altura, cabelo, olhos - e roupa).
- Uma pessoa cega poderá estar acompanhada por um cão-guia. Por mais tentador que seja, evite fazer festas ao animal, porque está em modo de trabalho e não deve ser distraído nem alimentado nessa altura.

- Se uma pessoa com deficiência visual precisar da sua ajuda para se deslocar, ofereça o seu braço como guia, tocando levemente no dela, para que perceba onde está. A pessoa tomará o seu braço, para que a possa guiar. Durante o percurso, esteja sempre ligeiramente à frente e avise-a se aparecer alguma barreira. No entanto, não precisa de estar a descrever o caminho, contar degraus, etc. Tenha atenção para não colocar a pessoa em perigo. Para a ajudar a sentar-se, indique-lhe a localização do assento e faça com a cadeira um barulho orientador, para que perceba onde está, e possa aproximar-se e sentar-se com autonomia.
- Ao longo da conversa, saiba ouvir a pessoa, isto é, pratique uma escuta activa. Procure entender de que forma a pessoa quer ser retratada e quão relevante poderá ser a sua deficiência para a entrevista, reportagem ou outros conteúdos que esteja a preparar.
- Talvez a maioria das pessoas com deficiência não se importe de responder a perguntas relacionadas com a sua deficiência. No entanto, não faça perguntas apenas por curiosidade. Determine, juntamente com a pessoa, se falar da deficiência é relevante para a informação que está a preparar e de que forma deverá ser abordada.

No cômputo geral, deve sempre tratar a pessoa com naturalidade, com respeito, evitando atitudes ou linguagens condescendentes. Informe-se e prepare-se para isso antecipadamente. E nunca se esqueça de que está a interagir com uma pessoa adulta, por isso, trate-a como tal. Como é evidente, deve dirigir-se directamente a ela e não aos seus acompanhantes ou intérpretes, como se fossem os seus “representantes”.

Se ocorrer alguma situação embaraçosa, uma boa dose de delicadeza, sinceridade e bom humor nunca falha!

Como escrever ou falar das pessoas com deficiência e Surdas

Talvez o desafio maior seja definir a relevância ou não da deficiência para a peça que está a preparar. O foco do trabalho deve ser a pessoa em si e/ou o seu trabalho ou obra. Só depois, caso seja relevante, deve ser mencionada a deficiência. Alguns exemplos:

- Se o tema é o novo trabalho de um artista com deficiência ou Surdo, poderá não fazer sentido referir ou explorar esse aspecto. Poderia resultar em mero sensacionalismo.
- Se for um trabalho auto-biográfico ou se a pessoa se assume também como activista dos direitos das pessoas com deficiência e Surdas, poderá fazer sentido. A própria pessoa poderá ajudar a entender e a tomar esta decisão.
- No caso de companhias de teatro ou dança que trabalham com artistas com e sem deficiência, ou de séries de TV protagonizadas ou que incluam actores com deficiência, poderá fazer sentido referir a deficiência, porque se trata, ainda, de primeiros passos na inclusão destes artistas no meio profissional. No entanto, e como foi já referido, os artistas com deficiência não ocupam esses lugares “apesar” dos seus corpos ou da sua condição, mas porque estão a ser criadas condições de acesso e espaços de trabalho inclusivos.

- Se o foco do trabalho é dar a conhecer a história de uma pessoa com deficiência ou Surda, é natural que se faça referência a este facto. No entanto, esta referência deve ser feita com respeito e com conhecimento, sem condescendência e sem falar em “heroísmos” e “superações”. Além disso, a pessoa não se resume à sua deficiência. Com certeza, terá outras facetas para serem exploradas.

Outro aspeto a ter em mente é que uma pessoa com deficiência ou Surda não é necessariamente uma pessoa sem saúde ou frágil. Respeite a forma como se apresenta, como fala de si. Evite os dramatismos, mas evite também expressar admiração só porque a pessoa faz algo na sua vida. Retratar as pessoas como elas são na realidade.

Como profissionais de comunicação cultural e jornalistas, têm ainda uma outra tarefa relevante: Contribuir para construção de uma mentalidade individual e colectiva da sociedade em relação à deficiência e tornar todas as pessoas conscientes das suas responsabilidades quando não existem condições de acessibilidade. Nesse sentido:

- Quando a peça se refere a um espaço cultural concreto, inclua informação sobre as condições de acessibilidade - física, sensorial, comunicacional. Será útil tanto para consciencializar a sociedade em geral, como para informar as pessoas com deficiência e Surdas.

- Esteja também consciente e faça referência à falta de condições de acessibilidade, tanto para o público como para os profissionais nas equipas e os artistas. O acesso é uma causa comum, não apenas das pessoas com deficiência e Surdas. Devemos ser exigentes.
 - Entreviste pessoas com deficiência ou Surdas na qualidade de especialistas na sua área de saber. Não as procure apenas para falar de deficiência ou incapacidades.
-

Terminologia: escolha bem as palavras

Conforme já realçámos, as palavras têm um poder enorme e, se não forem bem escolhidas, podem construir imagens inadequadas ou até ferir alguém. A par disso, a correcta utilização das palavras é fundamental para que o nosso público encontre nelas uma verdadeira correspondência com a realidade que estamos a retratar. E também, para que as pessoas com deficiência se sintam retratadas. Se tiver dúvidas relativamente aos termos a usar, simplesmente pergunte.

De seguida, partilhamos uma listagem de termos que podem ser hoje usados e outros que já não o devem ser. Sublinhamos o “hoje” porque, como é natural, a linguagem relacionada com a deficiência ou a incapacidade evolui, acompanhando a transformação da sociedade e das mentalidades. É necessário estar a par dessas evoluções, ao mesmo tempo que temos de estar conscientes de que dificilmente haverá consenso sobre a linguagem, mesmo entre as pessoas com deficiência. Aconselha-se, por isso, uma escuta activa e sensível, no sentido de optar pelas palavras e expressões usadas pela pessoa a quem nos estamos a dirigir.

Usar	Não usar
Pessoa com deficiência Pessoa com incapacidade Pessoa com diversidade funcional Pessoa neurodivergente Pessoa com necessidades específicas	Deficiente Anormal Incapacitado ou incapacitada Pessoa que sofre de deficiência Pessoa portadora de deficiência Pessoa com problemas / limitações Pessoa com necessidades especiais Handicap
Pessoa com deficiência física Pessoa com mobilidade condicionada/reduzida Pessoa que usa cadeira de rodas Utilizador/a de cadeira de rodas Utilizador/a de auxiliares de marcha	Deficiente motor Pessoa confinada/presa numa cadeira de rodas Pessoa limitada a uma cadeira-de-rodas A cadeira de rodas
Pessoa com deficiência visual Pessoa cega Pessoa com baixa visão	Invisual Amblíope
Pessoa Surda (falante de Língua Gestual Portuguesa; não se considera pessoa com deficiência) Pessoa surda Pessoa com deficiência auditiva Língua Gestual Portuguesa	Surdo-mudo ou surda-muda Deficiente auditivo Linguagem gestual
Pessoa com deficiência intelectual ou cognitiva	Deficiente mental Atrasado mental
Pessoa com síndrome de Down / Trissomia 21	Mongolóide
Pessoa de estatura mais baixa / nanismo	Anão/anã
Casa de banho acessível Casa de banho adaptada	Casa de banho dos deficientes

Resumindo

- Procure informação e formação sobre estas matérias se quer escrever e falar sobre elas.
- Pratique a escuta activa.
- Procure fontes especializadas, conhecedoras e diversificadas. Não basta a experiência vivida de uma pessoa com deficiência para esta poder falar por toda uma comunidade. E nenhuma comunidade pensa de forma homogénea.
- As pessoas com deficiência e Surdas podem ser o tema das suas peças, mas são também as suas leitoras.
- As pessoas com deficiência e Surdas devem também fazer parte das equipas (organizações culturais e meios de comunicação social). Apoie estes profissionais, ajude a criar condições de acesso e espaços de trabalho seguros e inclusivos.

ANEXOS



Legislação e outras informações

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com deficiência

Constituição da República Portuguesa

Lei nº 46/2006, de 28 de Agosto: Proíbe e pune a discriminação em razão da deficiência e de risco agravado de saúde

Decreto-Lei nº 163/2006, de 8 de Agosto: Acessibilidade a espaços públicos, equipamentos colectivos e edifícios públicos e habitacionais

Instituto Nacional de Estatística (2022), O que nos dizem os censos sobre as dificuldades sentidas pelas pessoas com incapacidade

Artigos e entrevistas

Catarina Vitorino, Ser mulher com deficiência faz parte da minha identidade

Mickaella Dantas, My parents gave me the freedom to choose what happens to my body

Sara Rocha, Eu sou “uma autista do pior”, com orgulho

Vídeos

Al.Di.Qua Artists (Alternative Disability Quality Artists), Manifesto (com legendas em inglês e com gesto internacional)

Diana Niepce, Em discurso directo sobre “Anda, Diana”

Stella Young, I am not your inspiration, thank you very much (TED Talk com legendas em português)

Sue Austin, Deep sea diving in a wheelchair (TED Talk com legendas em português)

Guias para jornalistas

Centre for Disability Rights, Disability Writing and Journalism Guidelines

National Center on Disability and Journalism Resources on reporting

Open Mind, Writing disabled voices

“[nome da pessoa]: o paraplégico que completou uma das maratonas mais difíceis do mundo.”

“Um acidente de moto atirou-o para uma cadeira de rodas.”

“...fez uma cirurgia aos 13 anos que a cegou definitivamente. A partir daí, a sua vida mudou definitivamente, mas não foi impeditivo de nada. Tornou-se bailarina e construiu a sua própria família.”

Como (e quando) falar da deficiência

Um guia para
profissionais de
comunicação
cultural e
jornalistas

